



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6433 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

DESAFIOS NA VIDA/FORMAÇÃO DA PESSOA ADULTA: O SUCESSO ESCOLAR

Alcides Alves de Souza Filho - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Atenuza Pires Cassol - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Antonio Amorim - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

DESAFIOS NA VIDA/FORMAÇÃO DA PESSOA ADULTA: O SUCESSO ESCOLAR

RESUMO

O artigo discute o sucesso escolar do adulto na Educação de Jovens e Adultos (EJA), em duas escolas da Rede Estadual na cidade do Salvador na Bahia. Analisa os fatores que impactam no processo do aluno adulto/idoso alcançar o sucesso escolar na EJA. Especificamente, analisa fatores que incidem no processo da permanência do aluno adulto/idoso na escola; investiga o entendimento dos docentes e gestores em relação ao papel da escola na formação dos sujeitos; e, identifica políticas públicas e educacionais que contribuem com o sucesso do aluno adulto/idoso na EJA. Adota a abordagem qualitativa consubstanciada no Estudo de Caso e no questionário semiestruturado como instrumento de recolha de dados junto a professores e gestores das escolas. A discussão cunhada nas perspectivas teóricas de Arroyo (2010, 2011); Dayrell (2011); Gadotti (2011) Leão (2011) e Macedo (2007), apontam ações e políticas públicas visando a formação integral dos sujeitos adultos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Sucesso escolar do adulto. Formação integral dos sujeitos.

INTRODUÇÃO

Pensada como alternativa para solucionar questões divergentes na formação escolar básica de jovens e adultos trabalhadores, desde sua concepção, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) intencionou atender àqueles que compõem o segmento populacional de excluídos da escolarização. Sendo assim, à luz da legislação, a EJA passou a ser entendida e defendida como alternativa para a reparação de direitos dos sujeitos que não concluíram o ciclo escolar obedecendo à relação idade/série, como também àqueles que não alcançaram a alfabetização, não sendo oportunizados da formação que os conduzisse ao sucesso pessoal e de inclusão.

Nesse caminhar pela inclusão do jovem e do adulto, ainda que seja na condição de trabalhadores, vê-se as políticas públicas na EJA “vinculadas ao pragmatismo do capitalismo”, e não contemplando as questões de jovens e adultos. Nessa direção, a EJA se encontra perfilada em políticas educacionais mantidas na visão equivocada que considera os recursos financeiros dedicados à educação como gastos e não como investimentos, o que afeta mais que diretamente o desenvolvimento social e cognitivo de jovens e adultos.

Seguindo o viés social, como função reparadora e equalizadora na educação de jovens e adultos, a EJA apresenta suas contradições quando limitado o entendimento de sua concepção ser apenas para atender o exigido pelo mundo do trabalho, desarticulada da função social e humana. Nessa perspectiva, a permanência de adultos no processo escolar vem apresentando baixos números de frequência e a questão maior esbarra na ausência de espaços voltados para atender as demandas de questões que envolvem a vida adulta e idosa.

Nessa lógica, as políticas públicas na educação, sem a sustentação de uma concepção imbricada no contexto socioeconômico e cultural do adulto, têm promovido percursos formativos deficitários, defasagem na aprendizagem, exclusão e outros fenômenos enfrentados na fase adulta. Diante desse cenário, vemos a necessidade de responder: como a escola pode contemplar o adulto/idoso que retorna a escola no avanço da escolaridade, construindo possibilidades para o sucesso pessoal e social e escolar?

Destarte, o objetivo geral foi o de analisar os fatores que impactam no processo formativo do aluno adulto/idoso para alcançar o sucesso escolar na EJA. Ainda adotamos como objetivos específicos: analisar fatores que incidem no processo da permanência do aluno adulto/idoso na escola; investigar o entendimento dos docentes e gestores em relação ao papel da escola na formação dos sujeitos; e, identificar políticas públicas e educacionais que contribuem com o sucesso do aluno adulto/idoso na EJA.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Metodologicamente, referenciamos o estudo nos moldes da pesquisa qualitativa pelo significado, sentido e sentimento que cada pessoa atribui para o objeto de pesquisa desenvolvido pelo pesquisador, entendendo os pontos de vistas dos participantes em relação ao que está sendo focalizado. No sentido asseverado por Minayo (2012), a adoção da abordagem qualitativa vem responder a questões muito particulares nas ciências sociais, com uma realidade não qualificada, trabalhada com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondente ao espaço muito profundo das relações dos processos e dos fenômenos.

Em se tratando da pesquisa qualitativa, o diálogo estabelecido com Ludke e André (2018, p.21) sinaliza que esse tipo de abordagem vai ao encontro do sentido de inteligência do pesquisador “[...] isso porque a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto, pois é nessa fase que se constrói as hipóteses que nortearão a própria pesquisa e

possibilitarão a formulação descritiva necessária para a construção de um novo conhecimento”.

Em atenção à temática, adotamos como dispositivo metodológico o estudo de caso pelo seu caráter específico, já que podemos nos deter e concentrar, ampliar e detalhar nosso estudo e dar uma tratativa a nossa inquietação, pois:

O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir os conhecimentos amplos e detalhados do mesmo, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados (GIL, 2008, p. 58).

Para operacionalizar a estratégia adotada na pesquisa, apoiamos-nos no questionário semiestruturado como instrumento gerador e coletor de dados por ser uma “[...] técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (GIL, 2008, p. 128).

O *lôcus* da pesquisa foram duas escolas públicas da Rede Estadual na cidade do Salvador – Bahia, as quais foram denominadas respectivamente Escolas “A e B”. A Escola “A” atende a aproximadamente 1000 alunos, funcionando como Centro de EJA – abrigando alunos fundamentalmente da EJA – nos turnos diurno e noturno. A Escola “B” oferece ensino fundamental e EJA, atendendo a aproximadamente 1000 alunos, sendo 80 matriculados na EJA e 920 no ensino fundamental regular e Médio nos turnos diurno e noturno. Os colaboradores da pesquisa foram 16 professores e 4 gestores das duas escolas investigadas.

ENCAMINHAR-SE NO SONHO DO LUGAR SOCIAL

Projetar a escola para o adulto na modalidade de EJA, pressupõe refletir sobre uma escola de ações e reflexões práticas, tencionando atender um público que já carrega na sua história de vida saberes e experiências adquiridas em espaços de convivência social, laboral e não escolares.

Mas é inaceitável, seja quem for o responsável, que o direito humano à educação seja negado duas vezes aos jovens e adultos. O analfabetismo é uma ofensa ao direito de cidadania: é como negar o direito humano à comida, à liberdade, o direito a não ser torturado. (GADOTTI, 2013, p. 143).

Nesse sentido é contraditório entender a escola apenas para atender os sujeitos com base nos direitos e não pela visão ampla da condição humana: o ser social. Pensada no sentido de promover o desenvolvimento cognitivo e de inclusão social, como forma de construir um país democrático que possa integrar gerações e gerações, a discussão fica por conta do desafio que as escolas da EJA enfrentam para administrar os conflitos nos processos de convivência, com possibilidades de harmonização do universo heterogêneo de seu público e, nesse contexto, o adulto.

A diversidade etária nas salas de aula com as presenças de jovens, adultos e idosos, apresentando uma grande variação de idade que vai dos 16 aos 70 anos ou mais, vem sendo discutida e contestada, principalmente quando permeia essa diversidade a presença da juventude que tende a adolescência, que se constitui “[...] um tema constante nas rodas de professores, mas quase sempre abordado sob a perspectiva negativa. O jovem aparece sempre como problema [...]” (DAYRELL, 2011, p. 54).

Por isso, a modalidade EJA ter se caracterizado pela multisserialidade na construção

do conhecimento e, para além da complexidade, a multietariedade com faixa etária muito baixa, pouca experiência de vida e com desestímulo na sala de aula, marcados por todas as caracterizações negativas e estigmas que carrega o jovem aluno da EJA.

Esse contexto tem se transformado em um desafio para professores e gestores das escolas da EJA, principalmente ao buscar alinhar objetivos singulares à base curricular concernente às expectativas e necessidades dos alunos, pois são “Sujeitos que trazem com suas ações e interpretações um *ethos* e um *habitus* (BOURDIEU) de classe, de gênero, de etnia, de religiosidade, e do que é a própria vida e o próprio ser humano” (MACEDO, 2007, p.131).

Tem sido desafiante atender/entender esse público heterogêneo e saber qual conhecimento deve ser ensinado, sabendo que o currículo é parte importante para atender as expectativas, necessidades e interesses. Esses alunos que já trazem consigo seu próprio currículo e, mesmo com toda preocupação da escola com o itinerário formativo e acolhimento, os aspectos dicotômicos vividos dentro e fora da escola ainda se constituem em desafio, requerendo mudanças e estratégias necessárias para administrar os conflitos com abordagens inovadoras em um contexto onde há uma diversidade de conhecimentos experienciados nas trajetórias de vida da pessoa adulta desejosa em “se formar”.

A Educação de Adultos (EA) relaciona-se com vários temas, entre eles: a questão da pobreza e das desigualdades, a questão das ONGs, comunicação e informação, mudanças climáticas, migrações (refugiados e imigrantes em situação “irregular”), interculturalidade, empregabilidade e sobrevivência, economia solidária e, certamente, a educação como direito humano, como “direito à educação emancipadora”, como defende o Fórum Mundial de Educação (GADOTTI, 2013, p. 14).

Igualmente, se constitui desafio estar na escola na condição de adulto para contemplar questões voltadas à melhoria na qualidade de vida e as questões sociais e econômicas tangentes a defasagem escolar e ao analfabetismo, mesmo estando entre grupos afins, sem estabelecer processo de preconceito e estigma. Desta forma, não é apenas pensar na pessoa adulta na escola numa perspectiva de trabalhar apenas o adiantamento escolar para conquistar o acesso ao código escrito e a leitura, mas, também, proporcionar-lhes saberes que levem a despertar o sentimento de sucesso e desejo de futuro.

O ALUNO ADULTO NA ESCOLA: POSICIONAMENTOS E SENTIMENTOS

Os dados estratificados e organizados a partir do questionário foram analisados os posicionamentos e também entreluzir os sentimentos dos colaboradores com cada posicionamento livre. A sistematização das informações resultou na elaboração de dois gráficos retratando os posicionamentos dos colaboradores, e a preocupação da escola da EJA com o aluno adulto e idoso.

Gráfico 1: Preocupação com o aluno adulto/idoso na escola.



Fonte: Elaborado pelos autores, em 2019.

Quanto ao objetivo de a pessoa adulta retornar à escola, a preocupação inicial ficou por conta do processo formativo, quando 50% dos colaboradores vincularam a preocupação com a formação escolar, mesmo sabedores que os " [...] adultos que voltam ao estudo, sempre carregam expectativas e incertezas à flor da pele" (ARROYO, 2011, p. 42) e ao retornar a escola, tentam retomar seus percursos formativos, que para eles significa alcançarem o direito à educação e, em muitos casos, o desejo pela tal "formatura".

Entretanto, não podemos deixar de pensar nas trajetórias de vida desses sujeitos da EJA, que passaram por vivências e experiências escolares e não escolares. Nessa perspectiva:

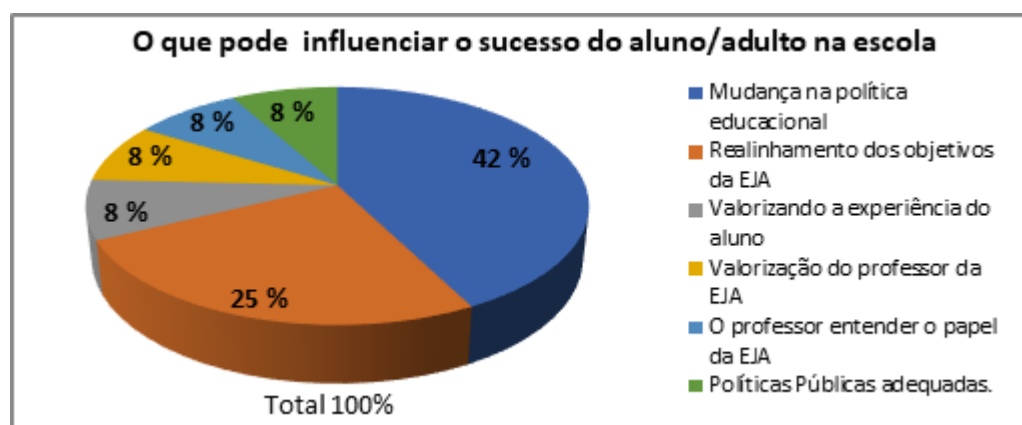
As trajetórias sociais e escolares truncadas não significam sua paralização nos tenso processos de sua formação mental, ética, identitárias, cultural, social e política. Quando voltam à escola, carregam esse acúmulo de formação e aprendizagens (ARROYO, 2011, p. 25).

Observamos que são elementos que na continuidade da formação escolar os professores não devem deixar de valorizar, para efetivar melhor o processo de ensino-aprendizagem, em sala de aula.

A preocupação com a formação para o mundo do trabalho ganhou força por opção dos 42% dos colaboradores; compreensível por razões óbvias: além dos que desejavam criar condições para entrar no mundo do trabalho, os adultos trabalhadores também estavam na escola com o objetivo de ampliar a aprendizagem para alcançar a qualificação e conquistar o avanço profissional, já que muitos vivenciaram precocemente o mundo do trabalho com pouca qualificação e formação escolar. Isto posto, hoje, por força do próprio mercado de trabalho, retornam para a escola em busca da formação escolar, exigindo de si um esforço tamanho para permanecerem na perseguição pela "formatura" e não voltar a deixar de estudar.

A opção pela formação pessoal, destacada por 8% dos colaboradores, corrobora com o conceito de formação integral onde a educação escolar não deve somente oportunizar a construção de saberes, mas, também, o processo de subjetivação para a emancipação e exercício da cidadania no sentido da integralidade do ser. Nessa direção, estão aqueles adultos que apesar de não estarem no mercado de trabalho, buscam a escola pelo sonho da formação. Neste sentido foram enfáticas as palavras de Arroyo (2010, p.62) contrapondo-se a concepção de escola voltada somente para o mundo do trabalho ao recordar que em determinado momento na história da EJA, parece que "[...] a única educação que tem sentido é a formação e produção para o mercado de trabalho".

Gráfico 2: As ações no sucesso escolar do adulto na visão dos professores.



Em um outro cenário, na contramão da visão de escola pragmática, estão as ações e as políticas públicas fora e dentro da escola que direta ou indiretamente influenciam no sucesso da pessoa adulta, em seu processo de escolarização. Assim, o entendimento de 42% dos colaboradores foi a de que uma mudança na política educacional tende a contribuir com o sucesso social e escolar da pessoa adulta. Inclui-se na discussão a concepção e manutenção do currículo direcionado as especificidades da educação de pessoas adultas e idosas, contemplando histórias e trajetórias de vida, processos laborais e necessidades vividas acerca da dinâmica de transformações do mundo contemporâneo e das novas exigências do mundo globalizado.

Mais que imbricadas nas mudanças da política educacional, a ação de realinhamento dos objetivos na EJA – apontada por 25% dos participantes como a segunda das ações influenciadoras do sucesso escolar da pessoa adulta – passa inicialmente pela concepção da necessidade de mudanças nos processos educativos convergentes a formação integral dos sujeitos, vinculados ao conjunto de políticas na educação voltado a atender esse público.

Certamente, entendemos o currículo como sendo um fator desagregador nesta visão de formação integral. Ele traz na sua composição elementos que estão em descompasso com o objetivo daquele adulto que chega à escola. Na perspectiva dessa complexidade, 8% dos pesquisados entendem que não podemos elidir as experiências e saberes construídos que formam a memória educativa dos sujeitos, fruto das oportunidades, habilidades e dos processos de aprendizagem que lhes permitiram construir a sua própria educação/formação e garantir a criticidade e a criatividade.

Para além do lugar-comum da profissão, 8% dos colaboradores sinalizaram a necessidade de valorização daqueles que fazem a escola ideal para o adulto: o professor. Sentimento proveniente das condições em que “[...] vivem, sofrem e reagem aos dilemas de uma condição social e profissional desvalorizada [...]” (LEÃO, 2011, p. 78). São as mesmas questões ainda vividas no cotidiano profissional do professor.

No mesmo viés, 8% dos investigados elegeram o entendimento do professor sobre o papel da EJA, sugerindo conceber também o seu papel e sua real missão nessa modalidade de ensino, como ação para a mudança e sucesso. Assim sendo, a mudança inicial perpassa por anatematizar a ideia da EJA ser uma “educação de caráter compensatório”, “educação para recuperar o tempo perdido de uma fase da vida”, ou mesmo “educação para coitadinhos”.

Por fim, 8% dos colaboradores patentearam as políticas públicas como não adequadas e “[...] apresentam “equivocos”, que não condizem com a realidade das carências presentes no cotidiano do aluno adulto e idoso que retornam a escola por ainda necessitar da formação escolar” (Professor 8). Isso demonstra que há um processo de conscientização inicial por parte da pessoa adulta, em relação à oferta de políticas públicas para esta modalidade de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletimos a educação do adulto/idoso como referencial de mudanças e de transformações na vida educacional e social das pessoas. Entretanto, para alcançarmos esse objetivo há muito por fazer frente ao antagonismo sistêmico que recai sobre a EJA, tornando a permanência do aluno adulto na escola, mais que um desafio para a modalidade de ensino e também um desafio para o aluno/idoso obter o sucesso social e educacional. Entretanto, entrevemos alcançar o sucesso com a construção de um currículo que valorize as vivências e experiências, sonhos e desejos com foco na formação integral dos sujeitos da EJA.

A nossa inquietação e preocupação com a expectativa de mudança e de adoção de políticas públicas na educação do adulto se intensifica, vez que o atual governo esboça um descaso social e educacional com esse público de excluídos, negando-lhes o direito a educação fechando espaços da EJA, condicionando-os a invisibilidade e ao estado de “coitadinhos sociais”, o que não reflete as necessidades de mudança numa sociedade democrática como propôs Paulo Freire.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Políticas educacionais e desigualdades**: à procura de novos significados. Educação Sociedade. Campinas, v. 31, n. 113, p. 1381-1416, 2010.

ARROYO, Miguel González. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C.; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 19- 50.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A juventude e a Educação de Jovens e Adultos: reflexões iniciais – novos sujeitos. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C.; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 53- 67.

GADOTTI, Moacir. Educação de adultos como Direitos Humanos. **EJA EM DEBATE**, Florianópolis, Ano 2, n. 2. Jul. 2013. Disponível em: <http://periódicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA> Acesso em 28 de julho de 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LEÃO, Geraldo Magela Pereira. Políticas de juventude e Educação de Jovens e Adultos: tecendo diálogos a partir dos sujeitos. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C.; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 69- 83.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2018.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo**: campo, conceito e pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MINAYO, M. C. S. (organizadora) – **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade - Petrópolis: Vozes, 2012.